

Entre rendas e pince-nez: A dinâmica do Centro de São Paulo – Comércio e vida urbana: combinação estimulante, síntese do desenvolvimento vertiginoso da capital paulista no limiar do século XX

Among Nose Clips and Laces: the Dynamics of São Paulo Downtown

RESUMO

O presente artigo aborda questões relacionadas à expansão da atividade comercial em São Paulo e seus pontos de contato com a vida cultural, na Primeira República (1889-1930). Com base em estatísticas, relatos memorialísticos e fontes iconográficas, analisa-se as possíveis conexões entre o desenvolvimento agroexportador, baseado na cafeicultura, o primeiro surto industrial do período e a cultura de consumo entre as classes abastadas.

Palavras-chave: São Paulo. Primeira República. Cidade. Urbanização. Comércio.

MARISA MIDORI
DEAECTO

ABSTRACT

This article addresses issues related to the commercial activity expansion in São Paulo and its contact points with the cultural life in First Republic (1889-1930). Based on statistics, memories reports and iconographic sources, It is analyzed the possible connections between the agroexport development, based on coffee, the period of first industrial boom and consumer culture in the upper social classes.

Keywords: São Paulo. First Republic. City. Urbanization. Commerce.

Pontos-russos, fitas, elásticos, cadarços, colchetes... a lista de artigos anunciada pelo mascate parece não ter fim. Atrás dele, o menino jornalista entoa a mesma lenga-lenga de todas as manhãs: *Correio Paulistano*, *O Estado*, *Comércio*... O proprietário da Brasserie Paulista não gosta da algazarra dos meninos, embora reconheça que o acesso fácil às folhas do dia aumenta sua clientela. Na porta da Casa Garraux a estudantada da Academia se confunde com bacharéis e professores que correm a ver as novidades editoriais. Defronte à vitrina de Ao mundo elegante uma senhora confere as mercadorias: camisas brancas, ornadas com rendas e passa-fitas, disputam espaço com quinquilharias importadas dos magazines franceses.

Difícil compor um quadro do Centro de São Paulo, no limiar do século XX, sem recorrer a essas cenas da vida cotidiana. Mas vale lembrar que por detrás das histórias e dos tipos pitorescos que emergem da literatura da época, relações econômicas complexas ditam as regras do jogo, orquestrando de cima a baixo toda a engrenagem responsável pelo afluxo de riquezas para a capital.

Três fatores concorrem para o desenvolvimento de São Paulo nessa época: a economia agroexportadora, a ferrovia e a industrialização. Os dois primeiros fatores estão intimamente ligados, pois o desenvolvimento da cultura do café, este produto nobre e bem cotado no exterior, acompanha o ritmo de expansão das redes ferroviárias. As linhas de trem, que na virada do século cortam o estado em todas as direções, “diminuem” as distâncias entre o interior e o litoral, tornando mais eficiente o escoamento da produção no porto de Santos. Elas também funcionam como fator de fixação populacional nas novas zonas de povoamento. Uma estação, um povoado. Quiçá, uma cidade em gérmen.

A riqueza gerada pelo café se transfere para diferentes setores da economia urbana. Parte do capital é investida no setor financeiro. Outra parte, em atividades diversas, por exemplo, nas casas de comissão e representação, que usufruem do circuito aberto pelo café junto ao mercado internacional, ou ainda nas empresas de serviços públicos (nas companhias de transportes, de iluminação, de abastecimento de água etc.).

As exportações também contribuem para o enriquecimento dos cofres públicos. Pela reforma fiscal realizada na Constituição de 1891, a primeira republicana, os estados produtores passavam a arrecadar todo o imposto sobre os gêneros exportados, enquanto que o governo federal retinha o imposto sobre a importação. Em 1881, a receita da então província de São Paulo era de 4014:688\$3381. Em 1892, quando a lei entra em vigor, a arrecadação sobe para 38105:228\$542!

Mais complexa é a relação entre o desenvolvimento comercial e a indústria. Ao mesmo tempo em que a economia cafeeira se insere nas fileiras do comércio mundial, a indústria paulista tem seu primeiro surto modernizador, pela ação de investidores nacionais – não raro, dos próprios cafeicultores – e de estrangeiros. Afinal, nesse momento de organização das estruturas capitalistas são infinitas as possibilidades de enriquecimento.

Nessa primeira fase, a produção industrial é incipiente e setorizada. De modo geral, os artigos de consumo produzidos localmente se voltam para as camadas populares, atingindo uma grande fração do mercado, sem, contudo, afetar aquela outra fatia de consumidores interessada em gêneros mais sofisticados. Além disso, a produção nacional não é autossuficiente, também ela contribui para o aumento das importações, tanto de maquinaria, quanto de matéria-prima. Apesar dessas limitações, a indústria abre novos

caminhos para a expansão urbana, cria novos bairros, gera empregos, faz emergir novos tipos sociológicos: o capitão de indústria e a classe operária. O engrossamento das camadas médias urbanas, ou classe média, é tributário desse momento de transformações.

De “cidade modorrenta”, dentre outros epítetos pouco generosos assumidos por alguns memorialistas, São Paulo se transforma em “metrópole do café”. Fenômeno que se reflete em termos demográficos: em 1872, são 31385 habitantes; em 1890, 64934; em 1900, 239820; e, em 1920, 579033.

A primeira onda de melhoramentos urbanos tem início na década de 1870. Mas foi apenas entre as décadas de 1890 e 1920 que as intervenções tiveram efeito concreto sobre a configuração urbanística da área central. Segundo Victor da Silva Freire, engenheiro politécnico que dirigiu o Serviço de Obras Públicas no longo período de 1889 a 1925, o principal desafio consistia em enfrentar antigos problemas vivenciados na cidade, dando-lhes soluções permanentes:

1. Problema higiênico: assegurar uma natalidade elevada e uma fraca mortalidade;
2. Problema técnico: garantir a circulação fácil e rápida dos homens e das coisas;
3. Problema estético: fazer artisticamente tudo o que diz respeito à higiene e à técnica e, *a fortiori*, o que se refere às construções de utilidade pública, a saber, os monumentos e as obras decorativas propriamente ditas.

Em nome do progresso, demoliram-se praças, igrejas e antigas construções coloniais, erguidas em taipa de pilão. Era o fim das casas térreas e dos armazéns empoeirados dos tempos de dantes, substituídos por edificações em alvenaria, não raro projetadas por arquitetos estrangeiros, ou brasileiros de formação europeia. Sobressaem-se nas vias centrais as construções em dois ou três pavimentos, alinhadas à rua, sem recuo frontal – às vezes com recuo lateral – e estilizadas seguindo os padrões do ecletismo. O piso térreo, geralmente provido de amplo salão, denunciava sua função comercial. O piso superior, que já nos anos de 1920 passava a abrigar toda sorte de escritórios, serviu originalmente como residência. Parece compreensível que os tradicionais habitantes do Centro tenham se deslocado para os bairros residenciais, para bem longe das multidões, dos bondes, dos carros, das buzinas...

O aparecimento de novos mercados de gêneros alimentícios se apresenta como importante índice de modernização. Até a década de 1860, os pescados e os alimentos cultivados nos arredores da cidade chegavam ao Centro pelo rio Tamanduateí. Na escadaria do Carmo, vendiam-se peixes. Nas imediações foi aberto, em 1866, o Mercado da rua General Carneiro. Em 1890 foi inaugurado o Mercado da rua São João, onde hoje fica a Praça dos Correios. Era o primeiro indício de que a expansão urbana começava a se orientar na direção oeste, seguindo a “radial do café” (avenida Amaral Gurgel). O Mercado Municipal, ou da Cantareira, erguido em belo edifício projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, data de 1933. Ele substituiu o antigo Mercado da rua 25 de Março, demolido em 1907, devido às obras de retificação do rio Tamanduateí. Edifício imponente, um dos principais pontos turísticos do Velho Centro.

Nas ruas 15 de Novembro, S. Bento e Direita, que juntas formam o Triângulo histórico, instalaram-se as casas de maior prestígio, em virtude da alta valorização imobiliária observada nessa área. São as lojas de artigos importados, as casas bancárias – como se dizia na época – as livrarias, as redações de jornais e revistas, os fotógrafos, os cafés, as

brasseries – ou confeitarias – os hotéis e, no avançar da década de 1910, os cinematógrafos. Outras ruas confirmam a vocação mercantil do Centro. O comércio da rua das Casinhas (atual rua do Tesouro) remonta à época colonial. Também havia ali uma rua do Comércio, atual Álvares Penteado, em homenagem ao fundador da primeira escola de comércio da cidade. Os Becos da Cachaça e do Cotovelo, onde sobreviviam do trabalho informal a população pobre, deram lugar à rua da Quitanda.

“Cidade” dentro de uma cidade maior e fragmentada, o Centro se dinamiza. Não pensemos, todavia, que a cidade democratiza seus espaços. Pelo contrário, ela acentua as diferenças ao transformar em artigo de consumo até mesmo as manifestações de cultura e de lazer. A multiplicação de cafés, confeitarias, leiterias e dos teatros – voltados para a elite – testemunham esse fenômeno da vida moderna.

Também a sofisticação das casas comerciais acentua os abismos entre as diferentes classes de consumo. Exemplo superlativo é o do *Grand Bazar Parisien*, de Alcides H. Pertica, localizado na rua S. Bento, 87:

Casa fundada em 1895. O *Grand Bazar Parisien* importa mercadorias das mais diversas naturezas: artigos de perfumaria, costura, papelaria, jogos, barbearia, roupas finas, brinquedos etc.

Consta no seu catálogo de artigos masculinos: camisas, gravatas, punhos falsos, coletes, sapatos, *tricot*s, lenços etc.

Além dos artigos já citados, importa de distribuidores europeus e norte-americanos: fonogramas, gramofones e discos, cantados pelas maiores celebridades mundiais em óperas, cantos populares etc. [1]

Esclarece ainda o anúncio, denunciando o caráter cosmopolita da cidade: “fala-se dentro deste estabelecimento italiano, francês, alemão, inglês, espanhol e português”* [1].

O comércio paulista acompanha as mudanças e as vicissitudes do tempo. Mas seu desenvolvimento não se dá sem sobressaltos. Ele sobrevive à crise de 1929, não sem expor suas mazelas. No início da década de 1930, há sensível aumento de casas especializadas em artigos usados nas ruas que margeiam o Centro. Na rua Direita as lojas de roupas feitas se popularizam. Nas ruas S. Bento e 15 de Novembro comerciantes tradicionais fecham suas portas. É o fim de tudo? Não. É o recomeço empreendido por uma nova geração de negociantes que reinventam o Centro em uma nova São Paulo. Mas esta é outra história.

SAIBA MAIS...

BARBUY, Heloisa. **A Cidade-Exposição. Comércio e cosmopolitismo em São Paulo (1860-1914)**. São Paulo: Edusp, 2006.

CARONE, Edgard. **A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Senac, 2001.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana (1890-1915)**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

DEAECTO, Marisa Midori. **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Senac, 2002.

DEAECTO, Marisa M.; SECCO, Lincoln; SILVA, Marcos; GLEZER, Raquel (Orgs.).

São Paulo: Espaço e História. São Paulo: LCTE, 2008.

PORTA, Paula (Org.). **História da cidade de São Paulo.** São Paulo: Paz e Terra, 2004, 3 volumes.

CAMPOS, Cândido Malta; SIMÕES JR., José Geraldo (Orgs.). **Palacete Santa Helena. Um pioneiro da modernidade em São Paulo.** São Paulo: Senac/Imprensa Oficial, 2006.

MOURA, Carlos Marcondes de (Org.). **Vida cotidiana em São Paulo no Século XIX.** São Paulo: Unesp/Ateliê/Imesp, 1998.

1900

1900. Data memorável, pois, com a energia elétrica, uma nova era começa em São Paulo, a qual já não será, apenas, a capital dos fazendeiros, mas uma metrópole em toda a extensão da palavra. Reunirá todas as funções urbanas. Será a grande cidade obreira e, ao mesmo tempo, o foco de uma intensa vida universitária, artística e científica; será o grande centro de negócios, a cidade dos bancos possantes e, ao mesmo tempo, a animadora de uma vida política cujos ecos ultrapassam as fronteiras do estado; será para sempre o lugar de concentração dos produtos da terra e a estimuladora da marcha para o oeste, como também o grande teatro dos esportes, a grande central emissora de radiodifusão.*

*Comentário de Mário de Andrade [2]

Mappin & Webb

Empresa fundada em 1810, na cidade de Sheffield (Inglaterra).

Em 1820, abriu sua primeira loja em Londres. Expandiu-se para os grandes centros de consumo europeus: Paris, Roma, Nice, Biarritz, Monte Carlo, Lausanne, Estocolmo, Copenhague, Joanesburgo, Montreal.

Em 1912, foi inaugurada a filial paulista, na rua 15 de Novembro. Antes, foram abertas as lojas do Rio de Janeiro e de Buenos Aires.

A Mappin & Webb se especializou no comércio de luxo: jóias, relógios, louças, porcelanas e artigos para decoração.

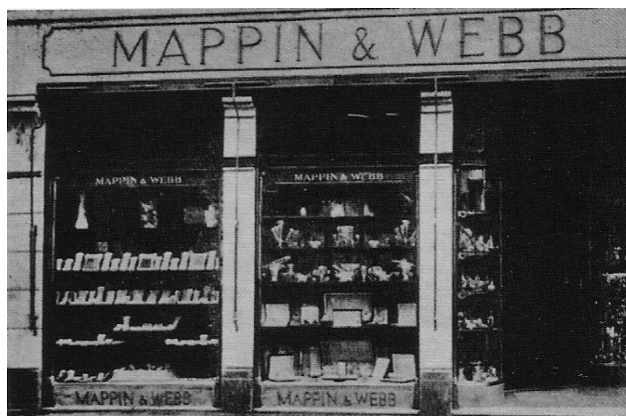


Figura 1

Fonte: Société Sudaméricaine de Publicité Monte Domecq, O Estado de São Paulo, 1918.



Figura 2
Fonte: Société Sudam  ricaine
de Publicité Monte Domecq,
O Estado de São Paulo, 1918.

Ao Preço Fixo

Fundado em 1905, o magazine de roupas masculinas Ao Preço Fixo ocupou diferentes edifícios na rua S. Bento, até se estabelecer na rua Direita. O nome da loja alude a uma inova  o daqueles tempos, tendo em vista a instabilidade da moeda: mercadorias com o preço fixado.

No início, a casa vendia artigos importados, mas a dificuldade de importa  o decorrente da Guerra (1914-1919) levou a empresa a investir na montagem de ateliês de confec  o e de chapéus.

No anúncio de 1913, a fachada do edifício recém reformado, na rua S. Bento, aparece em destaque.

Nos anos de 1930 fica patente o tom humorístico e popular adotado pelo informe publicitário.

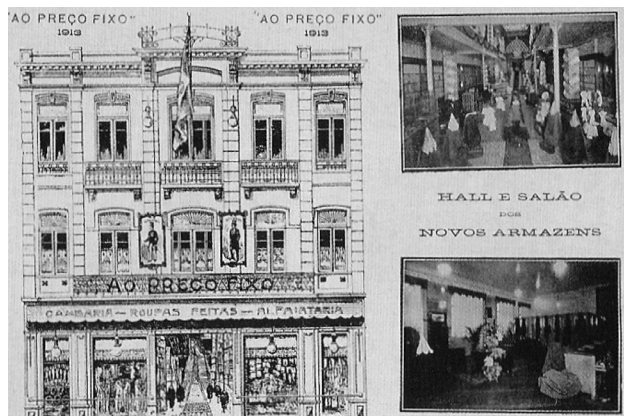


Figura 3
Fonte: Société de Publicité
Sud-Américaine, *O Estado de
São Paulo*. São Paulo, 1918.



Figura 6 – Rua S. Bento, 1902.
Fonte: Imagens de São Paulo – 1900. Gaensly no acervo da Light. Organizado por Vera Maria de Barros Ferraz. *São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia*, 2001, p.94.



Figura 7 – Planta. Detalhe do Centro de São Paulo, 1914.
Fonte: Planta Geral da Cidade de São Paulo com indicações diversas. Organizada pela Comissão Geográfica e Geológica, 1914. (Apud. *Memória urbana. A grande São Paulo até 1940*. São Paulo: Arquivo do Estado/Emplasa/Imprensa Oficial, 2001. 3v.)

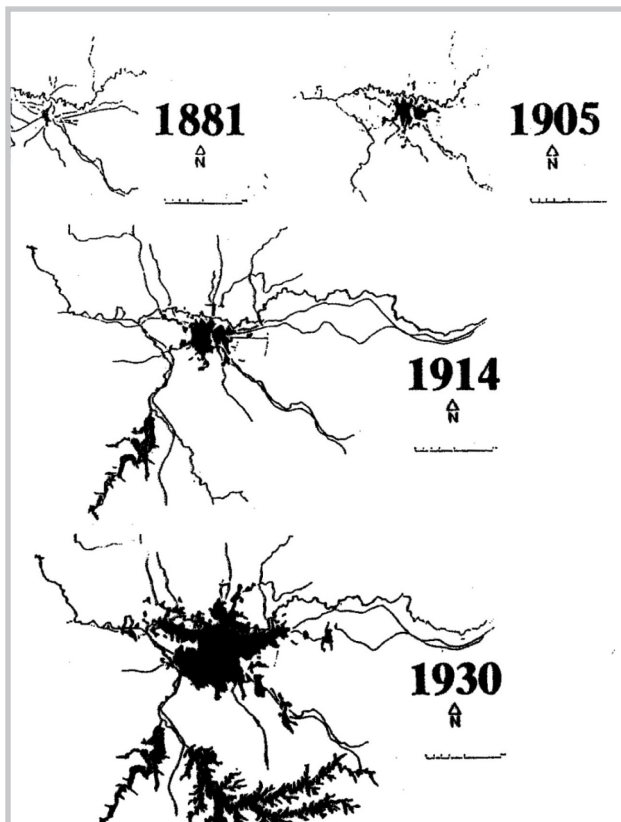


Figura 8 – A cidade de São Paulo: expansão da mancha urbana (1881-1930).
Fonte: Marisa Midori Deaecto, *Comércio e vida urbana em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2002, p.159.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] HÜ, Charles. **Le Brésil: Revue France-Brésil**, Paris, 1907.
- [2] ELETROPAULO. **São Paulo. Registros: 1899-1940**. São Paulo: Eletropaulo, 1992, p. 19.

MARISA MIDORI DEAECTO professora doutora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) – e-mail: marisamidori@yahoo.com